



A busca por uma identidade multicultural nas escolas na luta contra o racismo por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)

Ives da Silva Duque-Pereira¹

Edimilson Antônio Mota²

Resumo:

O presente trabalho relata a experiência da perspectiva do professor supervisor dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na formação inicial de licenciandos em Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo como *locus* de ação pedagógica o Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso. Há, no âmbito do PIBID de Geografia em Campos dos Goytacazes, uma preocupação em relação a construção identitária do negro no contexto do século XXI no que diz respeito a luta por direitos e reconhecimento de si enquanto sujeito formador de uma sociedade heterogênea e multicultural. A ação/reflexão educativa no contexto escolar esteve voltada para reconhecimento de uma identidade étnico racial que permitisse o descortçamento dos conflitos raciais vivenciados e uma valorização do negro, a partir de si, como sujeito detentor de direitos emancipatórios em uma sociedade excludente. Lutar contra o racismo é reconectar a escola com a sociedade em um contexto multicultural. É formar um sujeito plural que seja capaz de lidar com a fragmentação típica da sociedade contemporânea. Lutar contra o preconceito é descortinar as relações que se estabeleceram no passado, conduzir a uma reflexão no espaço e tempo presente e vislumbrar as muitas possibilidades do sujeito diante desta complexa relação. E isso foi feito na forma de uma série de atividades em que o diálogo sobre o tema esteve presente todo o tempo e como forma de expressão os alunos puderam construir mensagens em diversos formatos como textos, quadrinhos e imagens.

Palavras-chave: identidade, raça, PIBID

Introdução

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem por objetivo oferecer bolsas a alunos de licenciatura, articulando uma participação antecipada junto ao ensino público da educação básica. Este vínculo é feito por meio de estágio em que professores da rede pública supervisionam o trabalho dos bolsistas, sendo que todos são coordenados por um professor da universidade. O

¹ Mestrando em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas (UFF) / Professor na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDU/RJ)

² Doutor em Educação (UFRJ) / Professor na Universidade Federal Fluminense (UFF)

presente trabalho se debruça sobre as atividades do PIBID, com alunos de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Campos dos Goytacazes, RJ.

O século XX foi marcado por rupturas em diversos contextos. A questão da identidade, do sujeito inserido na modernidade tardia, gerou discursões que encontram campo de desdobramento no dia a dia das escolas. Concomitantemente, esta questão identitária se estabelece em um espaço, que é geográfico, manifestando no lugar de vivência dos alunos, todos os conflitos inerentes a esta temática.

As questões raciais fazem parte de um amplo debate que encontra na educação formal uma oportunidade para o desenvolvimento de temas e elucidação de fatos. Tendo como aporte a lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, assim como os conteúdos pertinentes da disciplina de geografia, que tratam as questões étnicas e raciais, o trabalho do PIBID foi desenvolvido.

Incontestavelmente a escola faz parte do *locus* de lutas ideológicas que permeiam a sociedade, provocando tensionamentos visíveis. Freire (2011) já proferia a máxima de que educar é um ato político, pois estamos a todo instante lidando com ideologias que ora conflitam, ora caminham em conformidade, com a reflexão produzida nas salas de aula. Cabe aos profissionais da educação conduzirem, conscientemente, um debate para formação cidadã dos alunos.

O Colégio Estadual Dr. Thiers Cardoso, em Campos dos Goytacazes-RJ, recebeu bolsistas “pibidianos” no 8º ano do ensino fundamental e 1º e 2º ano do ensino médio durante o ano de 2015. As atividades foram pensadas para serem desenvolvidas de acordo com o perfil dos educandos de cada série. Desta forma, o projeto envolveu a utilização do lúdico e da experimentação para a apropriação de conceitos e discussões. Música, quadrinhos, saída de campo, oficinas diversas como hip hop, capoeira, grafite e confecção de turbante foram algumas das estratégias utilizadas.

Identidade e raça

Situações de conflito, em um grau maior ou menor de intensidade, tem sido uma constante no cotidiano das sociedades contemporâneas. De guerras, passando por brigas no intervalo das aulas e até mesmo as agressões verbais em redes sociais, os embates tem ocorrido muitas vezes por causa de uma dificuldade em lidar com o outro que é diferente. Vive-se em uma época em que padrões não se sustentam e a pluralidade encontra caminho para um vasto campo de atuação e transformação. Vive-se em tempos efêmeros onde identidades são cambiantes e

sujeitos são etéreos. São tempos que a divergência surge pela incapacidade de se lidar com a diversidade.

Hall (2006) estabelece, didaticamente, três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro sujeito é concebido como um ser centrado que é o mesmo, apenas desenvolve-se ao longo da vida mas mantendo uma essência única, capaz de racionalizar e agir conscientemente. O segundo sujeito se encontra dentro de um contexto da sociedade moderna e que a sua consciência é moldada pelas relações estabelecidas com seus pares, mediada pela cultura – valores, sentidos e símbolos – do mundo que o rodeava. O sujeito pós-moderno, é aquele está se tornando fragmentado, em que uma identidade estável e unificada já não existe, tornando-se cambiante, contraditória e não-resolvida.

Para adquirir sentido, a identidade se apropria de símbolos que são componentes da cultura. Por isto, um dos fatores que contribuiu para a fragmentação do sujeito na pós-modernidade é a conexão, com o outro, estabelecida pelo meio técnico científico informacional, ao redor do mundo. A globalização coloca em contato culturas múltiplas que passam a se relacionar em diferentes frentes – sociedade, cultura, economia, política, etc. - tornando o processo de identificação e apropriação de símbolos dinâmico.

Eu

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...] empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

O mito da democracia racial morreu junto com o sujeito moderno. A ideia de um Brasil formado por uma população, que mesmo diversificada, é harmoniosa – centrada - deu lugar a crise da identidade única que fez o sujeito entrar em conflito no contato com o outro que é negro e tem reivindicado espaço de igualdade de direitos na sociedade. O discurso fantasioso que traz unicidade é confrontado com as múltiplas faces que emergem e se reconfiguram a todo instante.

A migração forçada de africanos para o Brasil colonial originou uma matriz negra para a população brasileira. Matriz esta que juntamente com europeus portugueses e indígenas compõem a espinha dorsal do DNA de todo brasileiro. Não foi somente na cor da pele que esta miscigenação surtiu efeitos. As relações estabelecidas, entre europeus e africanos, caracterizaram a formação das identidades construídas historicamente em que foi imposto aos afrodescendentes uma identidade que os confere status de inferioridade. Portanto, quando fala-se em

racismo não fala-se apenas da cor da pele – questão biológica – mas de uma construção social de identidades que se sobrepõe por meio de uma ideologia – questão histórica - estabelecida.

A migração produz identidades plurais, mas também identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades. A migração é um processo característico das desigualdades em termos de desenvolvimento. [...] alguns grupos étnicos tem reagido à sua marginalização no interior das sociedades “hospedeiras” pelo apelo a uma enérgica reafirmação de suas identidades. [...] As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento.
(SILVA, 2009, p. 22)

Neste contexto pós moderno que negro irrompe o *status quo* e se organiza para contestar a identidade construída e imposta como castas a sua raça pelos paradigmas dominantes. Isto nos leva a algumas questões como: Qual é a identidade do negro hoje? Esta identidade foi imposta ou construída? Há uma tentativa de romper-se com a identidade estabelecida e buscar novas formas de representação de si? Os estudos multiculturais – muito úteis para nações subdesenvolvidas, portanto, em um situação de classificação de subserviência muito parecida com a que os negros se encontram – emergem como aporte teórico para tratar acerca da relação de subordinação e exclusão do negro na sociedade.

O conflito racial atrai o olhar para os sistemas classificatórios existentes na cultura, e conseqüentemente ressoantes na construção da identidade dos sujeitos. Desta forma, produz-se a reflexão dos papéis exercidos por brancos e negros na sociedade brasileira conduzindo ao espelhamento das ações de reprodução deste sistema. A partir desta reflexão, constata-se que lugar do negro e do branco na sociedade foram construídos historicamente e com a crise da identidade do sujeito moderno, sua fragmentação e formação de identidades cambiantes facilitaram a luta do negro por direitos.

Isto ocorre em duas frentes, primeiramente por permitir a identificação por meio da diferenciação. Quando fragmentam-se as identidades, fica mais fácil identificar os seus elementos constituintes, ou até mesmo a falta deles. Nisto, há uma apropriação ou a reivindicação de símbolos para construção de uma imagem de si, em que o negro necessita se localizar no espaço e tempo para assumir-se como afro-brasileiro.

O fato das identidades estarem cambiantes, permite uma identificação de diversos setores da sociedade. Não é preciso ser negro para lutar contra o racismo e por oportunidades iguais. Mulheres brancas, por exemplo, que também sabem como é não ter acesso a iguais direitos, podem, em determinado momento, estar no embate pelas questões raciais. Desta forma, neste exemplo, questões raciais e de

gênero – feminismo - podem estar presentes em um mesmo sujeito simultaneamente, isoladamente ou paralelamente, dando sentido a ideia de identidades cambiantes.

[...] nas sociedades em que vivemos os processos de hibridização cultural são intensos e mobilizadores da construção de identidades abertas, em construção permanente, o que supõe que as culturas não são “puras”. A hibridização cultural é um elemento para se levar em consideração na dinâmica dos diferentes grupos socioculturais. A consciência dos mecanismos de poder que permeiam as relações culturais constitui outra característica desta perspectiva. As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos. (CANDAUI, 2008, p. 22, 23)

Assim, a hibridização cultural é fator integrante da sociedade contemporânea e portanto, presente no contexto escolar de maneira a tensionar as relações existentes. Não é possível falar de educação do ponto de vista de uma suposta democracia racial e/ou relações idílicas romanceadas. Ao fazer a leitura do mundo do educando e perceber as questões de poder e discriminação que permeiam os laços relacionais é preciso inferir no cotidiano ações que possibilitem mudança.

Leitura do mundo

Os paradigmas dominante não conseguem lidar com o multiculturalismo por medo de deixar de serem dominantes. A conscientização e o saber lidar com a diversidade promove a verdadeira democracia. Quando se impede o multiculturalismo de agir, impede-se também a democracia de exercer sua plena autonomia de regência da vida nas sociedades. Por isto, quando fala-se em educação, há um embate e os frutos multiculturais como a lei 10.639/03 são frutos de lutas históricas, por setores conscientes da sociedade que se organizam.

A escola faz parte do *locus* de embates ideológicos e precisa observar suas dificuldades superando-as. Candau (2008) chama atenção para a dificuldade que a escola possui em lidar com a diferença, adotando o caminho mais fácil de homogeneização e padronização. Observa-se ainda uma escola desenraizada da sociedade, ainda conectada a antiga ideia de se fabricar um sujeito moderno, centrado e único. Porém, o mundo mudou e a escola ficou presa a antigos paradigmas.

Lutar contra o racismo é reconectar a escola com a sociedade em um contexto multicultural. É formar um sujeito plural que seja capaz de lidar com a fragmentação típica da sociedade contemporânea. Lutar contra o preconceito é descortinar as relações que se estabeleceram no passado, conduzir a uma reflexão no espaço e tempo presente e vislumbrar as muitas possibilidades do sujeito diante

desta complexa relação.

Para Silva (2009), muitas identidades se estabelecem historicamente, buscando um apelo em determinado tempo para se afirmarem. Porém, a história é produzida em um espaço tempo definido. Assim, não somente um ponto específico no tempo deve ser buscado para se afirmar uma identidade história, mas também, as relações concebidas no espaço.

A globalização permitiu o contato com as multiplicas representações identitárias ao redor do planeta, facilitando o processo de significação por meio do acesso aos símbolos existentes em culturas que são produzidas em espaços diversos. Este contato fortaleceu o multiculturalismo, pois permitiu a associação livre entre sujeitos. Este fortalecimento permitiu perceber que, se a identidade é relacional e marcada pela diferença e exclusão, o racismo foi se constituindo como elemento de afirmação da sociedade brasileira enquanto elite dominante europeia.

Em oposição a uma homogeneização cultural promovida pela globalização, o que se observa surgir é uma afirmação de identidades locais como forma de resistência. É o que Silva (2009) chama de identidade sustentada pela exclusão, marcada pela diferença. Desta forma, os símbolos de resistência promovem uma significação que diz quem se é dentro de um contexto espaço temporal. Esta marcação está presente nos movimentos negros de diversas formas, como por exemplo, a valorização do uso do cabelo no estilo black power, turbantes e a busca por grafismos africanos em peças de roupa, cartazes, tatuagens, etc.

Diante deste quadro, a geografia contribui para o debate quando estabelece categorias de análise em que o espaço geográfico é estipulado pelas relações sociais que se materializam no contexto que está inserido. Esta dinâmica, que está presente no cotidiano dos alunos, deve provocar reflexões pertinentes acerca de temas diversos, inclusive os raciais.

Cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade. Um lugar é a reprodução, num determinado tempo e espaço, do global, do mundo. As relações não são pautadas pelo espaço, pela proximidade, pela contiguidade, muito pelo contrário, ultrapassam as distâncias lineares [...] cada fenômeno está articulado a complexas relações que acontecem em outros lugares. (CASTROGIOVANI, 2000, p. 109)

A partir do cotidiano, o lugar precisa tomar forma e entendimento de suas características e feições. É no contexto escolar que se provoca a reflexão acerca do lugar de vivência dos alunos trazendo a luz o debate sobre o racismo. As marcas de identidade devem ser reveladas e as relações elucidadas demonstrando as articulações existentes com o outro e as relações de poder que ali atuam. Ao tencionar estas questões, contradições surgirão, como o discurso dominante estando presente no discurso dos dominados. Por isto, não é incomum, alunos

negros com atitudes racistas, em que estão simplesmente reproduzindo suas vivências no espaço relacional com o outro.

Cada lugar tem uma força [...] é resultado de uma construção social, na vivência diária dos homens que habitam no lugar, do grau de consciência das pessoas como sujeitos de um mundo em que vivem, e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. [...] A nossa diferença como cidadãos de um determinado lugar é que nos leva à construção da identidade do lugar, embora esta identidade não seja do lugar em si, mas das pessoas que vivem ali e que produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenciações internas. (CASTROGIOVANI, 2000, p. 120)

O tensionamento provocado no ensino é justamente o que a geografia crítica se propõe a fazer. Segundo Mota (2013), a geografia crítica surge em um momento de crise da geografia tradicional e se propõe a novas formas de ensinar sem o hábito da reprodução de conteúdo vazio de criticidade, tendo como cerne a elucidação das contradições sociais e econômicas que ocorrem na dinâmica do espaço.

Experiência com o PIBID

O trabalho com o PIBID foi realizado com 11 bolsistas do curso de licenciatura em geografia da UFF-Campos dos Goytacazes, sendo que cinco atuando no oitavo ano do ensino fundamental, três no primeiro ano do ensino médio e três no segundo ano do ensino médio. Cada um ficou responsável por acompanhar uma turma, sendo que houve um trabalho em equipe, formada de acordo com as afinidades estabelecidas entre os próprios bolsistas. Desta forma, práticas e atividades eram pensadas em conjunto e aplicadas separadamente, tendo o apoio dos demais.

Uma vez por semana ocorre uma reunião com o professor coordenador, professores supervisores e todos os bolsistas para a leitura e discussão de textos acadêmicos de base e de apoio, assim como, planejamento e debates de ações. Estas reuniões foram essenciais para fornecer ferramentas teóricas e levantar debates pertinentes para que a prática fosse realizada com eficácia. Também funcionava como forma de mensurar e acompanhar todo o trabalho que estava sendo realizado.

No início se fez necessário um período de observação e ambientação em sala de aula tanto para os bolsistas quando para professor e alunos. Neste período se observou a importância do reconhecimento e quebra do estranhamento de se ter elementos de fora no contexto escolar. Observou-se que estabelecer vínculos facilitou a dinâmica de interação entre turma e bolsistas quando foi necessária a atuação com as práticas pensadas.

O adolescente é um ser em formação no sentido mais amplo e em demasiados aspectos. A complexidade que se impõe ao se trabalhar com alunos da educação básica é latente diante dos conflitos que surgem a todo instante. Sexualidade, drogas, violência, abandono, dificuldades cognitivas, exclusão social e racismo são alguns temas que transpassam o trabalho do professor na sala de aula. Os embates surgidos por causa de algum destes temas são constantes e exigem do profissional da educação um permanente reflexão e aplicação de práticas pedagógicas que mais se adequam.

Após observar, buscou-se traçar um perfil de cada turma, em uma tentativa de identificar a melhor maneira de se trabalhar em cada situação. Com a proposta de se discutir o racismo, tendo em vista as questões de identidade e as relações que se estabeleciam entre os próprios alunos, não restou dúvidas que se deveria partir do cotidiano do educando as discursões a serem tratadas.

Em relação as questões raciais se faz necessário apontar as relações de dominação existentes entre as raças, desconstruindo um discurso culturalmente – e historicamente – estabelecido, possibilitando a manifestação de novas identidades tendo como base o multiculturalismo. Para que isto ocorresse foi preciso levar o aluno a fazer uma leitura do seu mundo. Freire (2011) destaca que a leitura do mundo a volta dos alunos antecede a leitura da palavra escrita. Quando o educador atenta-se para a experiência existencial do aluno, e não para a sua própria, terá resultados muito mais significativos.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular – o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. (FREIRE, 2011, p. 37,38)

A primeira dificuldade enfrentada foi a reprodução de um discurso dominante e a apropriação de uma identidade subserviente imposta ao negro a qual é tido como inferior. “Lidar com o cotidiano é, em princípio, lidar com alienações superiores à necessidade bruta do alimento, da casa, transcendendo o nível estrito de sobrevivência.” (DAMIANI, 2010, p. 163).

Por tanto, o primeiro passo foi uma tomada de consciência em que foi necessário pensar na formação da identidade do povo brasileiro, do negro e do branco especificamente, elucidando os paradigmas de dominação impostos. Foi preciso refletir sobre a formação do discurso racista que impregna a sociedade e a sua reprodução inconsciente, em uma tentativa de desvelar a naturalização do preconceito presente nas pequenas atitudes, como ofensas proferidas entre os próprios alunos.

Tendemos a uma visão homogeneizadora e estereotipada de nós mesmos, em que nossa identidade cultural é muitas vezes vista como um dado “natural”. Desvelar esta realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das nossas identidades culturais é fundamental, articula-se a dimensão pessoal e coletiva desses processos. Ser conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos de hibridização e de negação e silenciamento de determinados pertencimentos culturais, sendo capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los constitui um exercício fundamental. (CANDAU, 2008, p. 26)

A partir deste momento foi preciso atuar sobre as representações do outro para que uma identidade fosse reconstruída. Desta forma, a diferenciação foi determinante para que houvesse uma identificação por meio de símbolos presentes no cotidiano vivido no lugar do educando. E para que isto ocorresse foi pensado no lúdico e na experimentação como forma de alargar o campo de visão dos alunos.

Parte do oitavo ano trabalhou com músicas que falam a linguagem dos alunos e suas letras representassem seu cotidiano. A outra parte analisou histórias em quadrinhos em que a exclusão do negro foi sentida e ressaltada como resultante de uma ideologia dominante. No primeiro ano, foi realizada uma saída de campo para uma fazenda colonial, que hoje é um museu e a um remanescente de quilombo no município de Quissamã-RJ. Já no segundo ano, foi realizada uma série de oficinas dentre elas grafite, dança hip hop, capoeira, confecção de turbante e roda de conversa sobre mulheres negras na sociedade.

Assim, o rapper chama atenção por cantar com as gírias usadas pelos próprios alunos e com uma letra que fala do seu lugar, aicineira que é percebida orgulhosa em exibir uma textura de cabelo que é a mesma das colegas de sala, os movimentos de dança que revelam as mesmas expressões do baile funk do bairro, a história que conta a origem e lutas do seu tom de pele, os grafismos que expressão o que palavras não conseguem e a conversa que coloca no centro personagens que antes estavam apenas no rodapé dos livros.

Estas atividades levam a uma descoberta de um “eu” que se reconecta com identidades escondidas pela cultura hegemônica.

Portanto, é importante promover processos educacionais que permitam que identifiquemos e desconstruamos nossas suposições, em geral implícitas, que não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos “outros”. Os “outros”, os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não estamos acostumados a vê-los, reconhecê-los, valorizá-los e interagir com eles. (CANDAU, 2008, p. 31)

Por fim, após um processo de experimentação e de colocação no lugar do outro, que em alguns casos é a si próprio – antes alienado - os alunos produziram um texto que deveria expressar a opinião sobre o racismo. Observou-se um interesse por grande parte dos alunos em expressarem vivências e exporem situações pessoais para enfatizarem os argumentos postos.

Contudo, ainda assim, depois de todo este processo, houve casos em que a

total falta de interesse se fez presente com redações plagiadas da internet. A hipótese levantada nestes casos foi a de desinteresse por negação. Sabe-se que “a integração entre os diferentes está muitas vezes marcada por situações de conflito, de negação e exclusão, que podem chegar a diversas formas de violência” (CANDAU, 2008, p. 31). Dessa forma, constitui-se um desafio a ser enfrentado, alternativas buscadas e práticas específicas exercidas no intuito de derrubar muros ainda erguidos contra o tema.

Conclusão

Há uma tripla vantagem no vínculo estabelecido pelo PIBID. Cria-se uma associação entre a universidade e a escola pública, onde há uma troca de experiências e crescimento mútuo. Há a oportunidade dos professores que estão longe da academia, voltarem a ter contato com práticas e conceitos, assim como, terem acesso a novas maneiras de se pensar e fazer a educação. Por outro lado, a experiência dos bolsistas em estar diante da realidade em sala de aula faz com que sua formação seja enriquecida pela prática e experimentação, portanto, ao final do curso se tornarão profissionais melhores. Para a universidade que abriga cursos de licenciatura é uma oportunidade de aplicar toda a teoria acerca de práticas pedagógicas e aferir sua eficácia.

O contato com o PIBID oxigena e impulsiona o pensamento do professor da educação básica em direção a novas maneiras de agir que são mais apropriadas a realidade vivida. É preciso conhecer para entender as múltiplas faces que surgem no contexto atual da educação. Ao se conhecer os alunos como seres múltiplos, com identidades cambiantes, pode-se direcionar ações pedagógicas mais eficazes na formação cidadã. Pois desta forma, a escola estará andando em conformidade com a sociedade vigente, havendo assim, um religamento entre escola e sociedade.

Referências

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Tomaz (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CANDAU, Vera. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CASTROGIOVANI, Antonio. Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

MOTA, Edmilson. O negro e a cultura afro-brasileira: uma bricolagem multicultural

do ensino de geografia. 2013.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2011.

DAMIANI, Amélia. O lugar e a reprodução do cotidiano. In: CARLOS, Ana. Novos caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 2010.